



O BERIBÉRI NA ARMADA E NO EXÉRCITO DO PASSADO

Walter Pinheiro Guerra

Extrato do trabalho *O Beribéri em nosso Exército do Passado*, premiado com o 4º lugar no Concurso sobre Vitaminas, instituído pela Academia de Medicina Militar (RJ), em 1984, sob o patrocínio do Laboratório Roche.

INTRODUÇÃO

O beribéri e o escorbuto são avitaminoses conhecidas, desde remotos tempos. Vêm descritas tanto no Velho Testamento como nos escritos de Plínio e nos papiros de Ebers, da Idade Média.

Quanto ao beribéri, diz o prof. Décio Parreiras, autor de *"Beribéri"* — Flores e Mano, RJ, 1936 — que, "variadas e antigas monografias fazem pensar no beribéri, ricas na fenomenologia..." mas sem detalhes e outros aspectos do mal. Cita Balz e Miura, segundo os quais, no século II, "já se conhecia a descrição de uma

doença crônica ou aguda... com distúrbios circulatórios, da motilidade e da sensibilidade, provavelmente o beribéri". Sheube afirma que "uma das mais antigas narrativas se encontraria num tratado chinês de Patologia, do século VI". Dio Cassius e Strambio referem-se a "doença semelhante, que teria atingido as tropas romanas na campanha da Arábia, já no século 24 a.C.".

Na Idade Média, instalou-se de forma epidêmica, acometendo povos da Europa do Norte, agravando-se nos períodos de inverno. Como cronista de Vasco da Gama em *Os Lusíadas*, Camões nos revela que aquele

chefe, em sua viagem às Índias, em 1497, dos 160 homens que levou, teve 100 deles vitimados pelo escorbuto, a que Camões chamou de "doença feia e crua".

Prevenindo-se contra o mal, os vikings, também grandes navegadores, abarrotaram suas naus com cebola, cujo uso foi suficiente para livrá-los da temível moléstia. Por sua vez, o almirante Hawkins, ao findar do século XVI, conseguiu, não só prevenir, como curar o escorbuto, apenas com o uso freqüente de suco de limão!

Seguiu-se a ele Lancaster, valendo-se de outro fruto cítrico, a laranja, como preventivo do escorbuto. Tanto a laranja como o limão são ricos em vitamina C, sem a qual declara-se o escorbuto. Uma vez verificado que ele era evitável, outro lendário conquistador dos mares, James Cook, adotou as recomendações de Lind constantes de seu livro *Treatise on Scurvy*, datado de 1757, levando, em suas caravelas, frutas e legumes frescos, ao singrar o Pacífico, em 1768 e 1770, não deparando com o problema entre seus marujos.

De posse desses antigos conhecimentos, a Armada inglesa passou a adotá-los desde 1804.

O BERIBÉRI

Com relação a ele, deve-se a Eijkman sua descoberta, por volta de 1894. Descreveu, em galináceos alimentados com arroz branco e cozido,

uma forma de polineurite em tudo semelhante ao beribéri humano. Anos depois, em 1912, o bioquímico Casimir Funk utilizou um soluto de farelo de arroz, que prevenia e curava a polineurite aviária, em doses milésimas.

A esse extrato denominou "vitamina" — "amina da vida". Às consequências de sua falta na alimentação chamou "disvitaminoses" que subdivide-se em hipo e avitaminose, de conformidade com a sintomatologia mais, ou menos, grave. Do assunto, ocuparam-se entre nós (SP) Franklim de Moura Campos, Dutra de Oliveira, G. de Paula Souza, Carlos Galvão, Vicente Batista e Florence Pereira.

No Rio, surgiram trabalhos de Hélio Póvoa, Gilberto Vilela, Annes Dias, Décio Parreiras e Antônio Austregésilo. Entretanto, coube a Stepp conceituar melhor o papel e funções das vitaminas no organismo. Hopkins foi o primeiro a pressentir a ligação entre hormônios e vitaminas, que veio posteriormente a ser confirmado.

Por sua vez, Hans von Buler sugeriu terem, as vitaminas e os hormônios, a função do biocatalisadores. A primeira notícia sobre o beribéri no Brasil atribui-se ao Dr. José Francisco da Silva Lima, radicado na Bahia, desde 1862. Clínico de grandes méritos e profundo conhecedor da anatomia patológica, integrou, pelo seu talento, a nascente "Escola Tropicalista da Bahia", a que prestou relevantes contribuições.

De 1866 a 1869, assinou o encon-

tro em seu Estado de uma entidade nosológica pouco conhecida, caracterizada por paralisia, edema e fraqueza geral. Esclarece que a demoninação da doença é originária do Senegal, quando "beri" — significa - fraco — e "beribéri" muito fraco. A moléstia alastrou-se pelo país, durante o Império e primórdios da República, causando grandes danos e preocupações entre os médicos e as vítimas.

O BERIBÉRI NA ARMADA

Em 1880, houve um surto de beribéri no Hospital da Marinha. No ano de 1880, a *Gazeta Médica* da Bahia trazia observações de destacados médicos baianos sobre o surgimento do beribéri entre a tripulação do cruzador "Benjamim Constant", que aportou a Salvador, trazendo 20 homens mortos e o resto da tripulação reduzida a dois terços, afora inúmeros doentes a bordo.

Nos anos de 1866 a 1883, o mesmo jornal estampava "os males determinados pelo beribéri na Marinha de Guerra Nacional". Teófilo de Almeida anotou casos da doença em diversos navios de guerra brasileiros nos anos de 1897, 1907 e 1912. Entre 1890 e 1898, na enfermaria de beribéricos da Marinha, em Copacabana, encontravam-se 766 pacientes. O coeficiente específico de morbidade, isto é, o número de doentes, era de 68,4, por mil.

Em dois outros navios militares, em 1906, registraram-se 76 casos

desse mal. Assinale-se ainda que, durante o bloqueio da Esquadra nas proximidades da fortaleza de Humaitá, houve casos esporádicos de beribéri a bordo de navios brasileiros, quando da Guerra da Tríplice Aliança. Naturalmente, - impossibilitados de um abastecimento regular devido à vigilância do inimigo, não puderam renová-lo, ocasionando o aparecimento dessa avitaminose.

O BERIBÉRI NO EXÉRCITO

No que tange à Força Terrestre, em 1870, J.M. Saraiva relata a forma aguda do beribéri, atingindo o Exército brasileiro durante esse conflito contra o Paraguai. Estranhável que autores nacionais e estrangeiros que escreveram sobre essa dura campanha tenham silenciado quanto ao beribéri, ao passo que todos eles ficaram impressionados pelo cólera-morbus de forma epidêmica grassando no setor Sul.

Todavia, o mais doloroso e cruel episódio foi a Retirada da Laguna, descrita magistralmente pelo Visconde de Taunay, onde o valoroso Cel Camisão e seu substituto, José Tomás Gonçalves, morreram entre atrozes sofrimentos determinados pela impiedosa avitaminose. Em 1876, verificou-se surto de beribéri no quartel de Palma na Bahia, que repetiu-se em 1880.

No Hospital Militar da Corte, entre 1870 e 1880, registraram-se 31 óbitos causados por essa moléstia. Em

1871, no presídio militar de Fernando de Noronha observaram-se casos da doença, com coeficiente específico de morbidade, de 84,1 por mil. Vale dizer que 84 e fração dos pacientes detidos adoeceram pelo beribéri. Em 1932, esse mal declarou-se na mesma ilha, com coeficiente de morbidade de 110,6 por mil. A terapêutica naqueles tempos era puramente sintomática: banhos de mar, hidroterapia, duchas, massagens, faradização, corrente galvânica, sangrias, hipnotismo (?) néo-salvarsan, diuréticos mercuriais na forma hidrópica, purgativos salinos, vesicatórios, efedrina, cardiotônicos também nos casos com hídropsia, e a adrenalina.

Convém esclarecer que os estimulantes circulatórios, os cardiotônicos, não funcionavam a contento. Embora o quadro clínico se assemelhasse à insuficiência cardíaca congestiva, diferente era a entidade mórbida, donde a ausência dos resultados que os médicos esperavam. Tais eram os recursos de que dispunham os esculápios da época. No que diz respeito às vitaminas naturais, enconradiças nos alimentos frescos, por não existirem preparados vitamínicos à disposição, poucos foram os inspirados no emprego de produtos naturais, suspeitando de sua gênese carencial.

Em tamanha escuridão reinante, felizmente alguns lampejos de luz iluminaram de forma extraordinária para aqueles tempos alguns profissionais. Escassa minoria vislumbrou no complexo síndrome beribérico, sua origem exclusivamente carencial. Outro

leigo capacitado, além do Visconde de Taunay, a interessar-se por temas médico-sanitários castrenses, foi o prof. Gilberto de Medeiros Mitchell (*História do Serviço de Saúde do Exército*, 2º vol., 1ª edição, RJ, 1962, ECGF).

Descreve as lutas dos médicos militares às voltas com o beribéri, que se estendia, igualmente, no meio civil como na caserna, durante o Império e os primórdios da República. O general médico, Dr. Antônio Pereira Guimarães, 9º Diretor do Serviço de Saúde do Exército, foi dos que enfrentou o “velho problema dos beribéricos”, em 1897.

Seus antecessores no cargo eram de opinião que os acometidos desse mal, para a cura, necessitavam de remoção para clima de “cima de seras”. Como é sabido, só em 1912 Casimir Funk identificou a causa da moléstia, que era de ordem carencial, não havendo, no arsenal terapêutico da época, com o que tratar os doentes.

Há que levar-se em conta a morosidade e dificuldades de comunicações então existentes, privando os médicos dos avanços alcançados por Eijkman e Casimir Funk. O prof. Mitchell transcreve trecho do longo ofício dirigido pelo zeloso chefe, ao Ministro da Guerra e seu superior. Esse expediente é datado de 1892, quando dizia: “Depois que a natureza infecciosa da moléstia formou-se em bases sólidas, depois que a presença de micro-organismos patogênicos (?) é considerada como causa eficiente da explosão mórbida, depois que a

bacteriologia começou a guiar os passos da clínica, a questão do tratamento do beribéri tomou incontestavelmente feição mais científica...” “A enfermidade não é contagiosa na accepção do termo, considerando-se que, infelizmente entre nós, a idéia da origem microbiana não está totalmente aceita por todos os clínicos nacionais.”

Elucidava o Dr. Guimarães ao Ministro da Guerra, que, “quanto ao beribéri o essencial é a higiene, o isolamento... e a desinfecção com ácido sulfúrico e sublimado corrosivo”. Já havia médicos contemporâneos que não concordavam com a hipótese, suspeitando que outras seriam as causas determinantes da estranha doença.

Dessa comunicação do exemplar Diretor Geral de Saúde, conclui-se que fundamentava suas convicções no conceito então vigente. Predominava a crença na origem infecciosa do beribéri, escapando-lhes a causa efetiva, a ausência de elementos do complexo B, na alimentação servida. Uma das medidas que se acreditava curativa seria a remoção dos pacientes para climas de montanha!

Ora, a simples mudança de local implicava, igualmente, em mudar a alimentação, diferente da então servida. É de supor que os internados viessem a receber alimentos frescos, diverso dos anteriormente servidos, inclusive frutas, verduras, leite, carne fresca, vísceras animais, ovos, enfim, absorvendo fontes naturais de vitaminas.

Com o tempo, desaparecia a polineurite e seu cortejo sintomático, o

que era atribuído ao novo clima. A seu tempo (1912), Casimir Funk constataria a profilaxia e a cura em prisioneiros da Malásia (*anima nobili*) da “funesta polinevrite”, como a denominou. A chave do mistério residia na película envolvente do grão desse cereal, que encerrava o complexo B, *in natura*.

Ainda assim, supunha que o referido envoltório, no tubo digestivo, passaria por nova fase metabólica. Segundo o descobridor, o “veneno” determinante da polineurite não se encontrava propriamente naquela película. Acreditava que “a ação tóxica” desenvolvia-se no tubo intestinal, quando passava a sofrer a influência de micróbios (sempre os micróbios) do próprio intestino, influência essa que a citada película inutilizava ou anulava. Para o pioneiro e extraordinário descobridor, a quem se pode ter em conta de “Pai da Vitaminologia”, nisso resumia-se a interferência da salvadora película... Não era de todo afastada a hipótese microbiana, reinando soberana nos meios médicos de então, salvo raras exceções.

O Dr. Alexandre Maneolino Bayma, outro chefe do Corpo de Saúde do Exército, afirmava: “o beribéri foi uma moléstia local depois climática... que tem migrado de seu primitivo meio estendendo-se por processo pouco conhecido... Eu tenho visto... acometer populações... que faziam pouco uso do arroz... vitimadas pela moléstia”...

Não é de admirar. Em plena 2ª Guerra Mundial, o Brasil enviou tropas para guarnecer a ilha de Fernando de Noronha, de interesse estratégico dos Aliados, e que já fora considerada como “foco” de transmissão do beribéri. Nos primeiros tempos de ocupação, apareceram alguns casos de beribéri na tropa. Uma prestigiosa revista de assuntos médicos desenterrou do passado a gênese climática dessa polineurite. Estávamos na década de 40!

Os casos ali constatados foram de caráter exclusivamente carencial, pouco depois confirmado. Foi enviado a aziaga ilha um contingente do rico de tradições 4º Batalhão de Engenharia de Combate, com parada em Itajubá (MG). Constituído de habilíssimos pontoneiros, com ingentes esforços pela fúria do oceano, construíram no local adequado um trapiche. Essa notável obra dos émulos de Vilagran Cabrita permitiu que atracassem embarcações de maior porte, que podiam levar pelo seu calado, grandes quantidades de variado abastecimento de comestíveis e outros petrechos de guerra.

Primitivamente, alimentavam-se de conservas, charque etc., não bastando o pescado abundante, para remediar a situação. Dantes, era precário, faltando no abastecimento os alimentos frescos frigorificados, e outro lado abundavam os riscos com o mar agitado e o patrulhamento de submarinos nazi-fascistas. Bastou essa heróica e salutar providência para que desaparecesse o beribéri incipiente.

Fora uma falha involuntária e circunstancial em plena mobilização militar, na logística de abastecimentos, acrescida da inexistência de um local seguro de atracação, em tempo construído pelos valentes pontoneiros daquela unidade.

Na falta de outra explicação, os médicos de outrora atribuíam a gênese de inúmeras doenças a uma entidade fantasma e imaginária, denominada “miasmas”. Jamais foi comprovada sua existência pelos meios científicos, do que culpavam doenças desconhecidas. Foi a constante, durante longo tempo.

Podem ter cometido equívocos os médicos do passado. Se praticaram enganos, foi de boa fé, balizados que estavam pelos conhecimentos de seu tempo. O prof. Ulisses Lemos Torres, autor de *Na Passarela do Tempo* — Ed. Gráfica Nagy Ltda., S. Paulo, 1981 — fielmente retrata o ambiente em que viveram os esculápios de séculos anteriores.

Relembra que, até 1822, “predominava o monopólio da cultura médica portuguesa... quando o ensino primava pelo atraso na metrópole... Para cá vinham profissionais fracassados em suas terras de origem. Apareceram, então, os físicos coadjuvados pelos barbeiros, rezadores, curandeiros... Com o Brasil livre do julgo lusitano, os brasileiros abastados enviavam seus filhos para as universidades européias, sobretudo as francesas”.

“Em 1832, as antigas Academias Médico-Cirúrgicas (da Bahia e Rio de

Janeiro) transformaram-se em Faculdade de Medicina, as mais antigas dentre nós." Da nova safra baiana, surgiu o Dr. José Francisco da Silva Lima, dotado de tino clínico e "espírito de investigação". Na ocasião do surto de beribéri eclodido na Bahia, em 1866, confrontou esta moléstia com o "barbiers" e o beribéri da Índia pelas suas características comuns.

Em que pese todo o seu saber, abeberado inclusive no exterior, chegou a proclamar: "Qual seja, porém, o agente desta intoxicação prévia do sangue, onde e como se produz é o que não se pode por enquanto averiguar. Mas é certo que esse agente, e qualquer que ele seja, a semelhança perfeita dos efeitos nos conduz a reportar análoga ao que produz o beribéri." O que mais dizer dessa polineurite quando seu descobridor e pioneiro a descrevê-la no Brasil, ignorava sua etiologia? Que merecidos louvores se rendam aos incansáveis e dedicados médicos civis e militares, que enfrentaram um adversário oculto e desconhecido, para cujo enfrentamento estavam desarmados.

Prosseguiram contudo no seu combate. Se não conseguiram vencê-lo, com denodo e espírito hipócrático, não desertaram da renhida luta. Era doença infausta e aterradora, procurando amenizar as angústias e sofrimentos de seus pacientes.

Mais recentemente (1972), o Dr. Luís de Castro Souza, premiado historiador da Medicina Militar Brasileira, brindou-nos com seu admirável livro *A Medicina na Guerra do Paraguai*, onde nos dá conta do insano trabalho dos Drs. Manoel de Aragão Gesteira e Manoel de Oliveira Quintana, ambos do corpo médico durante a Retirada de Laguna, desprovidos de recursos para tratar a tropa assolada pelo beribéri.

Intuitivamente, foram dos poucos que associaram o mal à alimentação precária a que ficaram sujeitos. Assim foi que o beribéri surgiu em nossas Forças Armadas levando à morte oficiais, soldados, civis e outros que participaram daquela trágica e heróica Retirada, uma das mais belas páginas de nossa História Militar Recordada por Taunay e Luís de Castro Souza.

WALTER PINHEIRO GUERRA é sócio correspondente, em S. Paulo, do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.